

## Do vira-lata ao vir a ser: futebol e brasilidade na crônica de Nelson Rodrigues

### Desde el complejo de perro mestizo al venir a ser: fútbol y brasilidad en la crónica de Nelson Rodrigues

### From the mongrel complex to coming to be: soccer and brazilianness in Nelson Rodrigues' chronicles

Recebido em 29-02-2016  
Aceito para publicação 30-10-2016

Ronis Faria de Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir de um complexo recorrente no imaginário brasileiro, observando-se um comportamento que oscila entre a crença em uma grandeza máxima e a impotência total, Nelson Rodrigues imortalizou o conceito do “complexo de vira-latas” por meio de crônicas esportivas sobre futebol, demonstrando a incapacidade doentia do Brasil de aceitar a própria potência. As crônicas analisadas neste artigo cobrem o período compreendido entre 1950 e 1970, quando a seleção brasileira foi derrotada no estádio Maracanã, Rio de Janeiro (Brasil), em uma final de Copa do Mundo de futebol e conquistou outras três, tornando-se tricampeão mundial. Os textos demonstram a oscilação no comportamento do brasileiro quanto ao sentimento de brasilidade, marcando uma tendência de euforia nacionalista na vitória e de uma depressão na derrota.

**Palavras-chave:** literatura; futebol; complexo de vira-latas; brasilidade.

**Resumen:** A partir de un complejo recurrente en el imaginario brasileño, observándose un comportamiento que oscila entre la creencia en una grandeza máxima y la impotencia total, Nelson Rodrigues ha inmortalizado el concepto de “complejo de perro mestizo” a través de crónicas deportivas sobre fútbol demostrando la incapacidad enfermiza de Brasil en aceptar la propia potencia. Las crónicas analizadas en este artículo abarcan el periodo entre 1950 y 1970, cuando la selección brasileña fue derrotada en el estadio de Maracanã, Rio de Janeiro (Brasil) en una final de Mundial de fútbol y conquistó otras tres, convirtiéndose en tricampeón mundial. Los textos demuestran la oscilación en el comportamiento del brasileño cuanto al sentimiento de brasilidad, marcando una tendencia de euforia nacionalista frente la victoria y una depresión profunda frente la derrota.

**Palabras claves:** literatura; fútbol; complejo de perro mestizo; brasilidad.

**Abstract:** Built on a recurrent complex on the Brazilian imaginary, regarding a behavior that oscillates between the belief in an ultimate greatness and the complete powerlessness, Nelson Rodrigues has immortalized the concept of “mongrel complex” through sportive chronicles about soccer, demonstrating Brazil’s sickly incapacity for accepting

---

<sup>1</sup> Técnico em Assunto Educacional – Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutorando em Letras da UFES e Poeta. Colatina-ES, Brasil. E-mail: [ronis@ifes.edu.br](mailto:ronis@ifes.edu.br) e [ronisfaria@gmail.com](mailto:ronisfaria@gmail.com)

its own potency. The chronicles analyzed in this article comprehend a period from 1950 to 1970, when the Brazilian national soccer team was defeated in Maracanã Stadium, Rio de Janeiro (Brazil) at a World Cup final and then won other three becoming triple world champion. The texts show the oscillation in the Brazilian's behavior as for the Brazilianness feeling, marking a trend of nationalist euphoria before victory and deep depression before defeat.

**Keywords:** literature; soccer; mongrel complex; Brazilianness.

## 1. Introdução

O escrete é a pátria em calções e chuteiras. Ele representa os nossos defeitos e virtudes. Em suma: o escrete chuta por 100 milhões brasileiros. E cada gol do escrete é feito por todos nós.

*Nelson Rodrigues (1993)*

Apontar os modos de “ver” e “dizer” o Brasil circulando pelos espaços discursivos da brasilidade é um exercício, *a priori*, nacionalista. É possível celebrar essa possibilidade como um ato de civismo, na expectativa, é claro, de atenuar o máximo possível a carga semântica pejorativa que esse signo pode conter. Ao longo de sua história, o território, o país, a nação, o Brasil e os que habitaram esses espaços, hoje nominados e reconhecidos como brasileiros, conviveram e convivem com muitos discursos sobre si e discursaram muito sobre sua identidade. O tecido e a substância dessas formulações estão objetivamente marcados pelas contingências da história e se articulam constantemente formando novas formulações. Nesse contexto, é relevante destacar a influência do eurocentrismo e todas as “esquizofrenias” postuladas como visão sobre o país, suas estruturas e sua gente.

Os espaços onde circulam esses discursos reflexivos são na literatura, no cinema, nos estudos sociais, na publicidade, na economia, na sociologia, na filosofia e no jornalismo. E ainda podem ser encontrados em suportes poderosos como em redes televisivas e na Internet. Para alinhar nossa análise ao fôlego de que dispomos, vamos nos ater a um recorte e a uma análise que incidirão exclusivamente sobre a literatura, especificamente, a crônica esportiva produzida pelo escritor pernambucano Nelson Rodrigues. Essa abordagem encontra reverberação positiva e uma boa acolhida, de tal modo que a pesquisadora Júlia Almeida, em seu curso “Espaço Discursivos da Brasilidade”, da Universidade Federal do Espírito Santo, sempre desvelou a força pujante das formulações discursivas no ambiente esportivo, com especial destaque para o futebol, uma paixão

genuinamente nacional celebrada e destacada em muitos espaços: do marketing à política, por exemplo.

Além disso, o país vive um momento em que afirmação, identidade e autorrealização estão à flor da pele em função da realização da Copa do Mundo FIFA de Futebol (2014) e das Olimpíadas do Rio de Janeiro (2016). Em relação ao primeiro evento, tem havido uma celeuma discursiva entre as autoridades envolvidas na organização. Tudo é motivo de polêmica: orçamento, cronograma de investimentos e de obras, estado de exceção<sup>2</sup> proposto pela entidade internacional organizadora, forma de organizar a competição, etc. Um marco nessa brigada foi a declaração dada pelo executivo da FIFA, o francês Jérôme Valcke, de que o Brasil levaria um chute no traseiro se não se esmerasse um pouco mais na organização do evento. O episódio culminou com um pedido de desculpas protocolar do “europeu”, que foi aceito pelas autoridades brasileiras, que estavam cumuladas de orgulho nacional.

Não resta dúvida de que essas duas realizações esportivas estão intimamente ligadas ao modo de ver e dizer o Brasil. Seus organizadores<sup>3</sup> justificam-nas como oportunidades inestimáveis para “dizer” o Brasil com vistas em uma interferência no modo que somos vistos em todo o mundo. É, sem dúvida, uma grande chance de rechaçar os estereótipos que revestem histórica e mundialmente a imagem brasileira e de realizar um esforço de corrigir o que nos é estranho como *ethos*. Tem sido muito comum a repercussão na mídia esportiva especializada do conceito “complexo de vira-latas”. Trata-se de um conceito sociológico<sup>4</sup> urdido pelo escritor e jornalista Nelson Rodrigues para descrever o sentimento que cumulou a nação brasileira a partir do fracasso internacional frente ao Uruguai, no estádio Maracanã, Rio de Janeiro (Brasil), em 1950. O evento encerra muitos ingredientes do drama, o que é muito ao gosto de Rodrigues. Até aquele momento, a seleção brasileira de futebol fazia uma campanha avassaladora. Os seus

---

<sup>2</sup> A Federação Internacional de Futebol (FIFA), na negociação para a realização da Copa, obriga o anfitrião a criar uma lei para alterar o cenário em seu benefício para que a entidade possa realizar atos que eventualmente sejam proibidos. No Brasil, a Lei Geral da Copa possibilitou contratações por meio de um regime diferenciado, autorizou a venda e o consumo de bebidas alcoólicas nos estádios, entre outras medidas.

<sup>3</sup> Um documento denominado “Plano de Promoção do País”, editado em 2011 pelo Ministério do Esporte (ME), procura posicionar o Brasil a partir de duas frentes: uma interna (vamos celebrar nossas conquistas) e outra externa (estamos prontos para encantar o mundo). Fica evidente que o modo de dizer quer interferir no modo de ver a nação.

<sup>4</sup> Arrisco a afirmar que Nelson Rodrigues, mais do que muitos cientistas sociais de ofício, era possuidor de imaginação e sensibilidade sociológicas que permitiram a compreensão do futebol enquanto fenômeno social, muito antes que o futebol se tornasse assunto legítimo de interesse sociológico (RATTON JÚNIOR, 2004, p. 16).

resultados e o fato de jogar em casa para uma plateia estimada em quase duzentos mil expectadores credenciavam-na para uma vitória encarada como certa. Como a bola pune, expressão usada como profissão de fé pelos boleiros, o clima do “já ganhou” propiciou uma motivação extra para os aguerridos uruguaios. Assim, mesmo jogando pelo empate e tendo iniciado a jornada com um gol, sofreu o empate e a virada. Na última crônica escrita por Nelson, antes da estreia do Brasil na Copa de 1958, cujo título é exatamente “complexo de vira-latas”, o texto posiciona bem o que significou aquela derrota para a psique coletiva dos brasileiros:

Eis a verdade, amigos: - Desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaios, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2X1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós o título. Eu disse ‘arrancou’ como poderia dizer: - ‘extraíu’ de nós o título como se fosse um dente (RODRIGUES, 1993, p. 51).

Esse sentimento foi amainado com os sucessos de 1958 e 1962 e com o surgimento de Pelé<sup>5</sup>. Até essa data, o complexo foi desenvolvido e exercitado, tornando-se imagem para representar todo insucesso esportivo, político e econômico do povo brasileiro. É certo, no entanto, como já dissemos alhures, que o fatídico sentimento volta a permear o discurso sobre o Brasil em alguns momentos específicos e pontuais em que as coisas não dão certo ou existe alguma pressão para que elas deem certo. Pudemos suportar essa pecha naquele período como o toleramos quando retorna, porque foi um brasileiro o responsável pela criação da imagem, mas, convenhamos, sua composição é grotesca.

---

<sup>5</sup> Edson Arantes do Nascimento é natural da cidade mineira de Três Corações. Brillou no futebol mundial entre as Copas do Mundo de 1958 e 1970. Foi congratulado com o título de *Atleta do Século* de todos os esportes em 15 de maio de 1981, pelo jornal francês *L'Equipe*. Em de 1999, o Comitê Olímpico Internacional, após uma votação internacional entre todos os Comitês Olímpicos Nacionais associados, também elegeu Pelé o "Atleta do Século". Por fim, a FIFA também o elegeu, em 2000, em uma votação feita por renomados ex-atletas e ex-treinadores como *O Jogador de Futebol do Século XX*. O fato de ser negro, como a grande maioria dos jogadores brasileiros, foi relevante para diminuir o “complexo de vira-latas”, conforme aceção de Nelson Rodrigues.

## 2. O complexo de vira-lata e as crônicas de futebol de Nelson Rodrigues

Nelson Rodrigues<sup>6</sup>, ao formular a imagem pela expressão “complexo de vira-latas”, foi cruel e eficiente, pois capta essencialmente um momento de nossa história e contribuiu para o discurso sobre ele. Certamente a verbalização ajudou na elaboração interna dos brasileiros para suportar o momento. Na mesma crônica citada anteriormente, o autor conceitua o complexo e tece comentários:

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. **Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol.** Dizer que nós nos julgamos ‘os maiores’ é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem – e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: – porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos (RODRIGUES, 1993, p. 52, grifo nosso).

Do excerto acima vale destacar alguns componentes. O primeiro deles, e talvez o mais importante, é a indicação de que o sentimento de “vira-latismo” se dá em todos os setores da vida e em face do resto do mundo. Ou seja, não é um sentimento que só nos acomete no contexto restrito das competições de futebol. Mais adiante, Nelson descreve o estereótipo do inglês destacando o fato de serem louros e sardentos. É imanente aqui o entrechoque etnográfico. Uma seleção composta de jogadores, em sua grande maioria negros, ganhando de humildade diante do escrete saxão. O que está em discussão não é, de fato, futebol, más questões mais relevantes em outros setores da vida. Não é possível ler essa crônica sem nos atermos, pelos menos por um instante, nos sentimentos pós-coloniais que se encerram na alma do homem brasileiro. É mister descolonizar o homem/jogador brasileiro nos aspectos exteriores ao conceito territorial de

---

<sup>6</sup> Nelson Falcão Rodrigues Filho (Recife, 23 de agosto de 1912 – Rio de Janeiro, 21 de dezembro de 1980). Foi escritor e jornalista. Sua consagração veio com o teatro. É considerado o dramaturgo mais influente do Brasil. Mudou-se para o Rio de Janeiro aos 04 anos de idade, onde ao lado da família teve uma longa carreira nos jornais cariocas. Sua primeira peça de teatro *A mulher sem pecado* (1941) já trazia elementos do grande escritor que ele viria a ser. No entanto, a consagração veio com a obra *Vestido de noiva* (1943), que trouxe para a dramaturgia brasileira inovações estéticas que contribuíram para a modernização do teatro nacional.

colonização. Quem estava ganando de humildade frente aos europeus sardentos não eram apenas jogadores de futebol, mas homens contextualizados que carregavam em cada um de seus genes todos os significados da evolução histórica de seu país.

Em 26 de Julho de 1966, no jornal O Globo, após o Brasil não ter passado das oitavas-de-final<sup>7</sup> na Copa da Inglaterra, Rodrigues publica a crônica *Voltamos a ser vira-latas*. Nesse texto, ele retorna ao conceito de modo muito veemente. Logo na abertura, temos: “Amigos, eu digo que, antes de 58 e de 62, o Brasil era um vira-lata entre as nações, e o brasileiro, um vira-lata entre os homens” (RODRIGUES, 1993, p.70). Nesse mesmo texto, o autor analisa a afirmação do brasileiro em decorrência do sucesso nos campeonatos mundiais de futebol em contraponto ao complexo de vira-lata sobre o qual ele tanto fala:

Só em 58 é que, de repente, o Brasil e o brasileiro deixaram de ser vira-latas. Quando acabou a final com a Suécia, Cláudio Mello e Souza apareceu com um peito largo e escultural de havaiano de filme. Sim, um peito que ele não tinha na véspera. E, assim todo o país. O medo do rapa tornou-se reação antiga, obsoleta, como a primeira sombrinha de Sarah Bernhardt. Quatro anos depois, era o bicampeonato. Com a vitória do Chile, a robustez do Cláudio Mello e Souza atingiu proporções inimagináveis. Eu o vi, minutos após a vitória sobre os tchecos. O Cláudio era só peito (RODRIGUES, 1993, p.71).

O autor é bastante preciso na criação da metonímia ao se referir ao peito do amigo Cláudio Mello e Souza. Cláudio e o Brasil eram só peito. Um peito cheio de si e totalmente livre, naquele momento e apenas, dos recalques históricos. Um peito cheio e largo de havaiano de filme. Uma imagem incrivelmente dissociada do que pode conter na imagem do “vira-latas”. No excerto acima, Nelson ainda menciona a superação do medo do “rapa”, uma atitude comezinha gerada por qualquer alteração na ordem social. Nessa passagem, o autor se vale do artifício de retomar os momentos gloriosos de 58 e 62 para expor esse retrocesso no comportamento afirmativo do brasileiro. A fragilidade da confiança em si fica totalmente condicionada ao sucesso ou ao fracasso. Em caso de vitória, somos verdadeiros napoleões. Se vem a derrota, o cenário muda, e volta a imagem deprimente do vira-latismo.

---

<sup>7</sup> Primeira etapa após a fase de grupos e é constituída de um único jogo. Ser eliminado nesse ponto do campeonato, normalmente causa grande frustração.

Em uma análise mais amíu-de, observamos que a força da prosa de Nelson Rodrigues, ao se referir ao futebol, se manifesta à maneira dos bipolares. Existe um abismo entre a execução total do brasileiro e a sua quase concomitante exaltação. Os extremos são marcados no texto por sentimentos como euforia, epifania, depressão e decepção total. A forma recorrente como Nelson abordava certos temas e pontos de vista, valeram-lhe o epíteto “flor de obsessão”. Suas crônicas exemplificam essa perspectiva de trabalho. Em algumas situações, alguns amigos eram os alvos da zombaria e perseguição:

Não que eles não se irritassem com o que Nelson escrevia. Mas todos estavam cansados de saber que era do seu estilo alimentar-se periodicamente de certas obsessões. Antes era o Otto, agora era o Alceu ou dom Helder. Como dizia Claudio de Mello e Souza, Nelson era uma “flor de obsessão”. E estavam fartos de conhecer a sua imaginação delirante e o seu pendor pelo exagero. Não precisava ser levado a sério, diziam eles (CASTRO, 1992, p. 375).

A seguir, reunimos alguns exemplos do que estamos classificando na forma da bipolaridade do autor e que também caracterizam o “complexo de vira-latas”, uma obsessão temática na caracterização do brasileiro. De modo geral, as crônicas trazidas à análise cobrem um período posterior à derrota na Copa de 50, encerrando-se com vitória do Brasil no mundial do México, em 1970:

Das crônicas:

### *É Chato ser Brasileiro*<sup>8</sup>

Dizem que o Brasil tem analfabetos demais. E, no entanto, vejam vocês: a vitória final, na Copa da Suécia, operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo. A partir do momento que o rei Gustavo da Suécia veio apertar as mãos dos pelés, dos Didis, todo mundo aqui sofreu uma alfabetização súbita. Sujeitos que não sabiam que gato se escreve com “X” iam ler vitória no jornal. Sucedeu essa coisa sublime: - analfabetos natos e hereditários devoravam vespertinos, matutinos, revistas e liam tudo com uma ativa, uma devoradora curiosidade, que ia do “lance a lance” até os anúncios de missa. Amigos, nunca se leu e, digo mais, nunca se releu tanto no Brasil.

---

<sup>8</sup> Publicada originalmente no jornal Manchete Esportiva, em 12 de Julho de 1958, após a vitória do Brasil na final da Copa da Suécia.

(...).

Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional. E as moças na rua, as datilógrafas, as comerciárias, as colegiais, andam pelas calçadas com o charme de Joana D'arc. O povo já não se julga mais um vira-latas. Sim amigos: - o brasileiro tem de si mesmo uma nova imagem. Ele já se vê na generosa totalidade de suas imensas virtudes pessoais e humanas (RODRIGUES, 1993, p. 60-1).

Essa crônica registra uma perspectiva de mudança na imagem do brasileiro a partir do primeiro triunfo internacional do nosso futebol. “Já ninguém tem mais vergonha de sua condição nacional” - sentencia o cronista. A vitória na Copa da Suécia, segundo o autor, além de redimir o brasileiro do “complexo de vira-latas”, operou o milagre de transformar o Brasil com suas hordas de analfabetos em uma nação de leitores. Evidente que trata de uma ironia para expor um problema social relevante. Aliás, apesar de crônicas de futebol, o que se tem é uma bela plataforma a partir da qual o Brasil pode ser visto e dito. É possível inferir, a partir da experiência de uma nação de analfabetos, que o futebol (era-foi-é) uma linguagem articuladíssima na expressão da nacionalidade, sendo apenas possível expressar a brasilidade quando o escrete ganha. Roberto Da Matta, no artigo “A antropologia do óbvio – notas em torno do significado social do futebol brasileiro”, alega que o futebol garantiria “ao povo, especialmente o povo pobre e destituído, a experiência da vitória e do êxito” (DA MATTA, 1994, p. 17).

### *Bicampeões do Mundo*<sup>9</sup>

Amigos, estamos atolados na mais brutal euforia. Ontem, quando rompia a primeira estrela da tarde, o Brasil era proclamado bicampeão do mundo. Foi um título que o escrete arrancou de suas rútilas entranhas. E, partir da Vitória, sumiram os imbecis, e repito: não há mais idiotas nesta terra. Súbito o brasileiro, do pé-rapado ao grã-fino, do presidente ao contínuo, o brasileiro dizia eu, assume uma dimensão inesperada e gigantesca. O bêbado tombado na sarjeta, com a cara enfiada no ralo, também é rei. Somos 75 milhões de reis.

(...).

---

<sup>9</sup> Publica originalmente em O Globo, em 12 de Junho de 1962, após a vitória do Brasil sobre a Tcheco-Eslováquia no jogo final da Copa do Chile.

Outrora o brasileiro era um inibido até para chupar Chicabon. Agora não. Cada um de nós foi investido de uma vidência deslumbrante. Nós sentíamos o bi, nós o apalpávamos, nós o farejávamos. E, partir de ontem, vejam como a simples crioulinha favelada tem todo o *élan*, todo o ímpeto, toda a luz de uma Joana D´arc. De repente, todas as esquinas, todos os botecos, todas as ruas estão consteladas de Joanas D´arc. E os homens parecem formidáveis como se cada um fosse um são Jorge a pé, um são Jorge Infante.

(...).

Setenta e cinco milhões de brasileiros profetizaram o triunfo. Amigos, depois da vitória não me falem na Rússia, não me falem nos Estados Unidos. Eis a verdade: a Rússia e os Estados Unidos começaram a ser o passado. Foi a vitória do escrete e mais: - foi a vitória do homem brasileiro, ele sim, o maior homem do mundo. Hoje o Brasil tem a potencialidade criadora de uma nação de napoleões (RODRIGUES, 1993, p. 92-4).

Se a vitória de 1958 começa a proporcionar uma possibilidade de mudança na imagem do Brasil e do brasileiro, essa vitória de 1962 logo na Copa seguinte teve um efeito exponencialmente maior, como atesta a primeira frase da crônica sobre a euforia que tomava conta do sentimento nacional. É digna de nota também a introdução de elementos poéticos e criação de imagens. A expressão temporal “quando rompia a primeira estrela da tarde” muda a perspectiva do fato jornalístico para um fato poético. No tocante às imagens, se antes éramos “vira-latas” que ganhávamos de humildade, agora nos tornamos reis e uma nação de napoleões. Uma nação napoleônica e carnavalesca em que a ordem social e hierárquica é posta de lado: reis e bêbados, pés-rapados e grã-finos, contínuos e presidentes, crioulinhas e Joanas D´arc, todos se encontram e se confraternizam no mesmo espaço familiar. Não há mais diferença, todos se encontram unidos nesse momento de epifania, como se encontravam unidos na depressão da derrota de 1950 e nos momentos de “vira-latismo” que se seguiram àquele episódio dantesco.

#### *À Sombra dos Crioulões em Flor*<sup>10</sup>

E então, comecei a perceber que os profissionais, torcedores e simples curiosos estavam ali por diferentes motivos. Uns queriam ver a caveira de João Saldanha; outros, a caveira do Brasil; e ainda outros, as duas caveiras: do Brasil e do Saldanha. Houve um momento

---

<sup>10</sup> Publicada originalmente em O Globo, em 17 de Junho de 1969, na vitória de 2X1 do Brasil sobre a Inglaterra no Estádio Mário Filho em um jogo amistoso.

em que me virei para o Marcello Soares e cochichei-lhe: - “Se o Brasil perder, vão enforcar o Saldanha como um ladrão de cavalos”. O leitor há de perguntar: - “O Brasil tão impopular no Brasil?”. Realmente, o Brasil é muito impopular no Brasil.

(...).

Terminou o primeiro tempo com o marcador de 1X0 a favor da Inglaterra. O Brasil dera-se ao luxo de perder um pênalti. Na fila do café, um sujeito me agarra e diz: “No segundo tempo a Inglaterra vai melhorar e o Brasil vai abrir o bico”. Entendi o raciocínio do fulano: como há por aqui o Nordeste, o Amazonas, a mortalidade infantil, teríamos mais dez minutos de fôlego, se tanto.

(...).

Mas pergunto: - e os outros? E os outros? A imprensa, o que fez a imprensa? E o rádio? E a TV? Deviam estar virando cambalhotas elásticas, acrobáticas. A Inglaterra pode não ter futebol, mas temo o título. É campeã do mundo. Portanto, vencemos o título. Os grandes jornais não deram ao feito brasileiro uma manchete de primeira página. O mais dramático é que quase toda a imprensa, rádio e TV trataram de amesquinhar, humilhar, aviltar a vitória. Em São Paulo as *Folhas* acharam os ingleses os “melhores”. No Rio, a mesma coisa. No subdesenvolvido, a imparcialidade não é uma posição crítica, mas uma sofisticação insuportável. Fingindo-se justa, quase toda a crônica falada e escrita falsificou o jogo, isto é, descreveu um jogo que não houve (RODRIGUES, 1993, p. 149-150).

### *O Belo Milagre das Vaias*<sup>11</sup>

Ouvi em silêncio o craque patricio e, sem nada dizer, deito-lhe toda a razão. Perguntará o leitor, em sua expressa ingenuidade: - “O brasileiro não gosta do brasileiro?”. Exatamente: - o brasileiro não gosta do brasileiro. Ou por outra: - o subdesenvolvido não gosta do subdesenvolvido. Não temos sotaque, eis o mal, não temos sotaque.

(...).

Graças a Deus o escrete parte. O que nem todos percebem é que o time nacional leva um maravilhoso trunfo. No México, ele se sentirá muito menos estrangeiro do que aqui. E estará protegido pela distância. Acreditem que a distância será a nossa ressurreição. Se

---

<sup>11</sup> Publicada originalmente em O Globo, em 01 de Maio de 1970, após amistosos do Brasil e antes do embarque para o México para a disputa da Copa de 1970.

me perguntarem o que deverá fazer a seleção para ganhar a Copa, direi, singelamente: - “Não nos ler”. Sei que as nossas crônicas vão aparecer por lá, como abutres impressos. Não importa. O que nos interessa é fugir da feia e cava depressão que dos nossos textos emana (RODRIGUES, 1993, p. 166-7).

Nessas duas crônicas, que abordam as discussões e o clima em torno da seleção brasileira antes da Copa de 1970, têm-se alguns aspectos que merecem análise e algum destaque no tratamento temático do complexo de vira-latas. Um deles é a impopularidade do Brasil entre os brasileiros, ou seja, uma tendência generalizada de desmerecimento dos feitos gloriosos. Nelson cita a vitória do Brasil sobre a Inglaterra campeã do mundo como um exemplo desse comportamento de baixa autoestima. Em vez de valorizar o feito, a imprensa do Rio e de São Paulo dão-lhe um tratamento ignóbil. Mesmo com as vitórias na Suécia e no Chile, o gene do “vira-latismo” ainda se manifestava nos recalcitrantes. E, para o autor, a imprensa era um foco de pessimismo e depressão do qual a seleção brasileira deveria fugir.

Uma inferência aqui é possível: o “complexo de vira-latas” é um sentimento instável que se manifesta em algumas situações pontuais, especialmente as situações de crise em que seria necessário lançar mão de uma reserva de confiança. Sua instabilidade o faz adormecer, mas não desaparecer definitivamente. A já citada crônica *Voltamos a ser vira-latas* ajuda a sustentar essa perspectiva de instabilidade no comportamento do brasileiro quanto a si próprio e ao país, pois mesmo sendo bicampeões mundiais, bastou uma derrota na Copa da Inglaterra para que se incorresse de forma veemente em uma crise de identidade nacional. Logo no início da crônica, que trata da vitória do Brasil sobre a Inglaterra, Nelson sentencia “Se vocês querem conhecer um povo, examinem o seu comportamento na vitória e na derrota” (RODRIGUES, 1993, p. 148).

### *O Mais Belo Futebol da Terra*<sup>12</sup>

Em 58, na véspera de Brasil e Rússia, entrei na redação. Tirei o paletó, arregacei as mangas e pergunto a um companheiro: “Quem ganha amanhã?”. Vira-se para mim, mascando um pau de fósforo. Responde: “Ganha a Rússia, porque o brasileiro não tem caráter”.

---

<sup>12</sup> Publicada em 20 de Junho de 1970, a 24 horas da finalíssima com a Itália, quando o Brasil se consagraria tricampeão mundial.

Eis a opinião dos brasileiros sobre os outros brasileiros: - não temos caráter. Se ele fosse mais compassivo, diria: - “O brasileiro é um mau-caráter”. Vocês entenderam? O mau-caráter tem caráter, mau embora, mas tem. Ao passo que, segundo meu colega, o brasileiro não tem nenhum. Pois bem. No dia seguinte há o jogo e, no seu primeiro lance, Garrincha sai driblando russos e quase entra com bola e tudo. (...) Mas o que ainda me espanta é a frase do companheiro: -“O brasileiro não tem caráter”. Essa falta de auto-estima tem sido a vergonha, sim, tem sido a desventura de todo um povo. Ganhamos em 58, ganhamos em 62. Depois da Suécia e do Chile, seria normal que retocássemos um pouco a nossa imagem. Mas há os recalitrantes. (...) E por todas as esquinas e por todos os botecos há patrícios vendendo impotência e frustração (RODRIGUES, 1993, p. 148).

A um passo do tricampeonato mundial, depois de uma campanha que imprimia confiança, o cronista registra no texto acima mais um momento de recuo na recomposição da imagem. Ao relatar o diálogo com um colega de redação e ao ouvir deste que o brasileiro não tem caráter, Nelson reproduz Macunaíma, o herói sem caráter do livro homônimo de Mário de Andrade. Aqui está estabelecida mais uma face do “complexo de vira-latas”, uma face neutra de descaracterização. Se por outros lados o brasileiro já se viu como um Napoleão e como um derrotado, agora se vê a face neutra das duas possibilidades. Nem bom ou ruim, nem feio ou bonito, alegre ou infeliz, apenas sem caráter.

### *Dragões de Esporas e Penachos*<sup>13</sup>

Amigos, foi a mais bela vitória do futebol mundial em todos os tempos. Desta vez, não há desculpa, não há dúvida, não há sofisma. Desde o paraíso, jamais houve um futebol como o nosso. Vocês se lembraram do que os nossos “entendidos” diziam dos craques europeus ao passo que nós éramos quase uns pernas-de-pau, quase uns cabeças-de-bagre. Se Napoleão tivesse sofrido as vaias que flagelaram o escrete, não ganharia nem batalhas de soldadinhos de chumbo.

(...).

Amigos, glória eterna aos tricampeões mundiais. Graças a esse escrete, o brasileiro não tem mais vergonha de ser patriota. Somos 90 milhões de brasileiros, de esporas e penacho, como os dragões de Pedro Américo (RODRIGUES, 1993, p. 193).

---

<sup>13</sup> Publicada originalmente em O Globo, em 22 de Maio de 1970, após a vitória histórica e acachapante do Brasil de 4 x 1 sobre a Itália.

Enfim, chegamos ao tricampeonato mundial e ao ponto de encerramento de um circuito iniciado na Copa de 1950. Ao gosto do cronista e, de forma obsessiva, voltamos à euforia nacionalista e à convicção de liderança entre as nações. Não é mais uma vez a alegria de ganhar uma competição de futebol, mas um orgulho nacional que perpassa todas as relações da vida. Se o Brasil ganhou a Copa, ele é primeiro entre as nações na visão do cronista e com compartilhamento entre seus leitores, claro. A metáfora hiperbólica (se isso for possível) de Nelson torna o Brasil uma pátria de 90 milhões de dragões de penacho e esporas. O brasileiro curou-se? Não vai mais cuspir na própria imagem como um narciso às avessas, que necessita se precaver para não sofrer?

José Miguel Wisnik, no livro *Veneno remédio*, no qual trata de questões políticas, socioeconômicas e comportamentais a partir do futebol, resume o caldeirão cultural do qual o homem brasileiro é oriundo:

O saldo étnico da ‘sociedade agrária, escravocrata e híbrida’, em sua tardia transição para o moderno, forma a base da operação implícita por meio da qual a obra de Gilberto Freyre realiza o seu desígnio originário inconfessado: algo como a passagem do *vira-lata ao vir a ser*. Trata-se de apostar na transmutação do povo mestiço desqualificado pelo determinismo científico novecentista, de convertê-lo teoricamente a seu próprio potencial, de transformá-lo paradoxalmente no que ele é, de potencializar o *fármakon* e extrair dos venenos da colonização escravista o remédio da civilização original dos trópicos (WISNIK, 2008, p. 415).

Nelson Rodrigues, mesmo no bojo do mesmo caldeirão, soube reconhecer um determinado tipo de comportamento e, sem se articular em uma retórica professoral, desnudou conteúdos para o aprofundamento histórico, estético, antropológico, psicanalítico e sociológico.

### 3. Considerações finais

Como se viu, o “complexo de vira-latas” é uma forma de ver e dizer o Brasil percebida pela ótica rodrigueana e expressa de forma totalmente idiossincrática pelo autor de *Vestido de noiva* em suas crônicas de futebol, publicadas ao longo de décadas nos jornais cariocas. Esse sentimento não se restringe ao ambiente esportivo do futebol, sua arena é toda a rede de relações

que perpassam transversal e verticalmente o tecido da sociedade: conflitos etnográficos, sociedade de classes, eurocentrismo, subdesenvolvimento nacional, as ciências sociais, símbolos nacionais e a brasilidade tupiniquim. Todos esses subtemas estão de uma forma ou de outra reunidos sob a rubrica do “complexo de vira-latas”. Mesmo mantendo uma guerra declarada aos sociólogos da época, o cronista deu uma contribuição importante, que vem sendo aprofundada por sociólogos, antropólogos, psicanalistas e estudiosos de literatura.

Atualmente, quando o país foi convocado a se reunir para realizar com êxito internacional a Copa do Mundo FIFA<sup>14</sup> e as Olimpíadas do Rio, volta a assombrar a consciência nacional esse fantasma do passado, que põe em xeque alguns valores importantes como a autoestima nacional e a confiança na condição brasileira de se impor por suas qualidades. Esse retorno permite realizar uma inferência importante sobre o “complexo de vira-latas”. Trata-se de um fenômeno coletivo de existência instável, ou seja, adormece, desaparece por um tempo, mas em determinadas contingências volta a se manifestar. Nesse momento, em que o Brasil está sendo desafiado internacionalmente, expondo-se para o mundo para realizar os eventos citados, o medo e a insegurança de aceitar a própria potência podem culminar no retorno do complexo. O comportamento das autoridades e dos meios de comunicação na hora de expressar a brasilidade em seus discursos pode revelar em que medida o vira-latismo está se manifestando, caso esteja.

O economista Carlos Lessa, no livro *Auto-estima e desenvolvimento social*, obra que reproduz uma palestra dada por ele na abertura das atividades do Programa Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, em 2000, explica o que “nos permite entender em maior profundidade as duas visões que alicerçam, ainda hoje, a identidade e a consciência nacionais: o mito do Brasil grande, construído a partir do mito do Eldorado, e o mito do Brasil minúsculo, com auto-estima zero” (LESSA, 2004, p. 13). O primeiro mito encorajou o brasileiro a se lançar em projetos grandes, tais como a construção de Brasília, a criação da Petrobras, a construção do Maracanã, entre outros. Já o mito do Brasil minúsculo encerra um tipo de comportamento mesquinho no âmbito nacional e internacional, que se traduz em atitudes como propor um orçamento em que saúde e educação são tratadas em uma visão

---

<sup>14</sup> A derrota acachapante por 7x1 para a Alemanha, na semifinal da Copa do Mundo do Brasil (2014), no Estádio do Mineirão (08/07/2014), é sem dúvida um novo ingrediente para a análise do “complexo de vira-latas”.

subdesenvolvida, aceitar reprimendas públicas do Fundo Monetário Internacional (FMI) e, sobretudo, não justificar a visão externa de ser um país de futuro, visto que foi apontado como o país do futuro.

A visão de Carlos Lessa serve para evidenciar que o “complexo de vira-latas” pode ser articulado em outro contexto e em outra linguagem, que não seja a marcada pela verve literária de Nelson Rodrigues. Além disso, serve ainda para atestar que o fenômeno não está restrito às crônicas de futebol do nosso “flor da obsessão”, Nelson Rodrigues.

#### 4. Referências

CASTRO, Ruy (1992). *O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras.

DA MATTA, Roberto (1994). “A antropologia do óbvio – notas em torno do significado social do futebol brasileiro”. *Revista da USP*, n.22, São Paulo.

RATTON JÚNIOR, José Luiz A. (2004). “Nelson Rodrigues, o futebol e a imaginação sociológica”. *Revista Mediação*, n.4, Belo Horizonte.

LESSA, Carlos (2004). *Auto-estima e desenvolvimento social*. Rio de Janeiro: Garamond.

RODRIGUES, Nelson (1993). *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. Seleção e notas de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. (1996). *A dama do lotação e outros contos e crônicas*. Rio de Janeiro: Ediouro.

\_\_\_\_\_. (1994). *A pátria em chuteiras – novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras.

WISNIK, José M. (2008). *Veneno futebol: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.